

Sobre a Autogestão

Serge Bricianer

HTML: <https://archivesautonomies.org/spip.php?article1653>

Original em PDF: <https://archivesautonomies.org/IMG/pdf/ico/ICO-074.pdf>

Informations Correspondance ouvrière, n°74, outubro de 1968

Contribuição para a abolição do trabalho e dos salários

As tentativas de autogestão (ou os momentos em que ela apareceu como uma possível solução) que ocorreram durante os eventos de maio são interessantes apenas porque constituíram uma crítica às formas atuais de gestão baseadas em uma organização hierárquica e funcional (ou supostamente funcional), mas são insuficientes e levantam o problema da análise crítica da autogestão, sua "substituição" em uma estrutura mais global e radical.

De fato, qualquer tentativa de autogestão que não se baseie em uma crítica radical do mundo existente só pode contribuir para reforçá-lo, ajudando-o a resolver suas próprias contradições e, conseqüentemente, levando a um maior apoio de suas vítimas voluntárias. O mundo existente é totalitário; ele tende a englobar o maior número possível de forças e energias, portanto, tende a integrá-las. Desse ponto de vista, o ideal de um regime totalitário é ser administrado por suas próprias vítimas, de modo que elas se tornem mais do que consentidoras...

A autogestão, quando conquistada pelas massas (por meio da luta ou pela necessidade de sobrevivência), permite que essas massas demonstrem seus poderes, emancipem-se.

Mas se esse processo não colocar em jogo (não destruir) a ideologia dominante à qual essas massas aderiram por força de coerção, educação, informação e introjeção, os valores dessa ideologia são reforçados porque são então assumidos, aceitos como realidades e, em vez de ter feito a revolução, a repressão foi reforçada, até mesmo destruindo a classe que estava fundamentalmente ligada a essa ideologia, e há o risco de

que nada seja visto dela. Porque, de fato, a vida de cada indivíduo, diariamente, é moldada mais ou menos completamente por essa ideologia.

Quando as Assurances Générales Françaises se propuseram a resolver o problema da autogestão, elas se colocaram o problema errado: deveriam ter se colocado o *problema do seu desaparecimento*, pois o que significa o fenômeno do desenvolvimento do seguro?

Não se trata de autogerenciar qualquer coisa. Naturalmente, dado o processo seguido por essa empresa, é possível que ela pudesse ter ido além da simples autogestão, mas quem perguntará, sem angústia, o problema do significado de sua profissão, de sua utilidade, quando os princípios nos quais a ideologia dominante se baseia são os de justificar a vida por meio do trabalho.

E então, se todo o setor terciário seguisse o mesmo processo, teríamos um sistema de autogestão de sobrevivência burocraticamente organizado, e assim por diante.

Claramente, qualquer revolução deve envolver uma crítica ideológica de todo o sistema ao qual a ideologia se relaciona, e a destruição dessa ideologia. (Estado, Trabalho, Produtividade, Família, Pátria...). A Revolução é, portanto, o momento e o local privilegiados para a crítica, e a revolta encontra aí sua dimensão e sua justificativa. Fora desse momento, a revolta não tem saída e a crítica ideológica continua sendo um discurso, mas ambos ainda são necessários.

Algumas características da ideologia dominante.

- A importância do trabalho como justificativa, como moral, como meio de sobrevivência ("é preciso trabalhar para viver", "se ninguém trabalhar, quem trabalhará?", "se o trabalho não fosse obrigatório, ninguém gostaria de trabalhar, ninguém trabalharia", "não se pode ser feliz trabalhando" etc.);
- Importância da economia: desenvolvimento econômico, crescimento da produção, produtividade, leis econômicas, etc;
- Ênfase nos números, no mensurável, no quantitativo, nas médias, nas categorias, nos índices, etc;

- Importância do bem-estar-conforto-felicidade, ligada ao consumo espetacular (o espetáculo é privilegiado em detrimento da ação, a ação é vista) (são os outros que fazem), à introdução da automação na vida cotidiana para reduzir o esforço, ao automatismo dos gestos, das palavras... que reproduzem o universo espetacular oferecido, à redução do ser (nós mesmos) ao ter, ao aparecer, ao distanciamento dos modelos hierárquicos... (processo de reificação);

- Importância das noções de cuidado, educação, ajuda... o que implica a existência de uma relação de superioridade, uma relação entre líder e liderado, elite e massa, ator e espectador, professor e aluno, pai e filho... A caridade e o socialismo são ideologias cuja função é manter essa relação por meio da doação, ou da concessão burocratizada de felicidade ou de parcelas de terra, o que, em troca, implica que o recebedor deixa a cargo do doador definir o que ele vai dar, de fato, que o recebedor renuncia à sua própria responsabilidade... Subjacente a essas ideologias está a crença, explícita ou não, na desigualdade natural e/ou social dos seres humanos e a crença de que sempre haverá líderes e seguidores. Da mesma forma, encontramos essas crenças ligadas a uma certa fatalidade: "os homens são maus", "os homens precisam ser educados para se tornarem bons", etc;

- A importância de fazer, da ação pela ação, e a multiplicação de campos nos quais a ação pode ocorrer e, conseqüentemente, de organizações de aparência (extensão de empregos inúteis e falsos) que camuflam essas ações por trás de ideologias fragmentadas. Não é nem mesmo uma questão de exercer poder ou adquirir sinais de poder, é uma questão de jogar um "jogo da sociedade" para adultos e ter a impressão de estar contribuindo para a felicidade e a realização geral;

- Importância do Estado, da centralização, é o Estado que deve fazer, agir, dar, etc. Isso corresponde à substituição de uma lógica impessoal pela aleatoriedade e arbitrariedade nas relações humanas, que são sempre ambíguas (sempre "os homens são maus", mas a crença oposta também é bem defendida e dá origem a uma nova forma ideológica, o humanismo);

- Importância dos valores de segurança, previsão e organização. O medo do vazio, do desorganizado, da anarquia, da ansiedade em todas as suas formas, é usado em todos os campos;

- A importância da propriedade como poder sobre uma porção de espaço e tempo, sobre seres ou coisas, etc.

As forças técnicas praticamente superaram as relações de produção que, no entanto, estão tentando integrá-las, e há uma contradição entre a racionalidade técnica e a racionalidade econômica.

O desenvolvimento do setor terciário é paradoxalmente apresentado, por meio da teoria econômica, como um sinal de desenvolvimento, até mesmo de progresso, mas é apenas um sinal da inadequação das relações de produção, a perpetuação dessas relações é preservada graças ao crescimento de um setor em que o trabalho é artificial: A perpetuação dessas relações é preservada graças ao crescimento de um setor onde o trabalho é artificial: ele nada mais é do que o trabalho nas relações de produção, nas relações sociais baseadas na desigualdade e reguladas pela ideologia dominante, ele não tem nada de produtivo, mas é a válvula de segurança que torna possível reduzir o desemprego que reinaria e, especialmente, a válvula que torna possível controlar toda a população com o uso das novas válvulas constituídas por Lazer, Cultura, Espiritualidade, uma vez que a tecnologia tenha atacado o setor terciário, e sim! teremos de sobreviver. Então, multiplicaremos as Maisons de la Culture por 100, porque são empresas que geram muitos empregos, ou teremos manicômios, ou teremos hospitais (uma pessoa empregada por paciente, o que gera muitos empregos).

Se abolíssemos o setor terciário e o aparato de controle dos setores primário e secundário, mudando as relações de produção, reduziríamos pela metade o número de empregos e diminuiríamos em três quartos o tempo de trabalho de cada trabalhador atual.

A racionalidade econômica baseia-se na lógica da mercadoria, sua maior difusão. Aplicada à racionalidade econômica, a racionalidade técnica introduz eficiência na produção e na disseminação da mercadoria, mas a lógica da técnica questiona o valor de troca e, no final, pode passar sem ele: na verdade, ao eliminar o trabalho, a automação completa eliminaria a base do valor de troca.

É necessário criticar o sistema educacional (conteúdo e método) de todas as formas possíveis. Por meio do sistema educacional, o mundo burguês se perpetuou; por meio da reforma que ele tentará fazer com seus elementos reformistas, ele tentará ir além deles,

por meio da participação, de novas disciplinas como economia, planejamento urbano, métodos de educação ativa, técnicas pseudo-maiêuticas de seminários, grupos de discussão... educação na vida cotidiana e seus novos dispositivos (cartões de crédito, seguro de vida etc.); tentará pré-condicionar os membros da Sociedade, fornecendo-lhes uma linguagem de referência à qual seus membros estarão vinculados porque não conhecerão outra. Na economia, por exemplo, é uma questão de todos saberem o que é produtividade, como equilibrar um balanço, etc., e o básico da mesma linguagem - podemos nos entender e a participação na gestão se torna possível - e o que a autogestão baseada na mesma linguagem mudaria?

A realização de um mundo burguês por meio de sua forma cibernética implica o pré-condicionamento da entrada da máquina cibernética, após o que seu autogerenciamento é possível porque não muda nada.

O processo de mercantilização sempre será o processo no qual o poder se apóia. Sempre encontraremos um certo número de lugares comuns:

- Ainda precisamos de líderes";
- Você precisa consumir para viver, para se tornar um produtor";
- Temos que produzir para que o padrão de vida de todos aumente", "o aumento no padrão de vida que nos permite ter uma moradia melhor... é o fator determinante que permite que a família prospere";
- Todos, se quiserem, podem encontrar o que precisam na Empresa e ser felizes";
- O desenvolvimento econômico nunca fez mal a ninguém";
- "O que é felicidade? Uma vida tranquila?
- Nunca houve tanto entretenimento nas ruas", etc. Você já ouviu outras melhores.

Esses lugares-comuns escondem o que é essencial: a ideologia dominante, que se fortalece a cada dia. Portanto, é necessário deixar clara a extensão desse processo.

Qualquer luta política que ocorra no contexto definido pela ideologia dominante reforça essa ideologia, servindo para justificá-la e melhorá-la, porque é obrigada a usar essa ideologia e a revelar suas contradições. Em um determinado momento, a ideologia propõe uma certa imagem de felicidade, um certo número de necessidades, um objetivo, por exemplo, moradia digna para todos, instalações esportivas, atividades de lazer, etc., e os apoiadores da luta aceitam essa imagem, mostram que a classe no poder está seguindo uma política ruim e que não conseguirá atingir o ideal que propõe, enquanto eles conseguirão atingi-lo. Os defensores da luta aceitam essa imagem, mostram que a classe no poder está seguindo uma política ruim e que não conseguirá atingir o ideal que propõe, enquanto eles conseguirão atingi-lo. Portanto, eles abandonaram uma crítica radical dessa ideologia em favor da demagogia e do entrismo.

Um exemplo da aplicação do processo de reificação: planejamento urbano.

Os planejadores urbanos, assim como os sociólogos e economistas, reduzem a vida cotidiana das pessoas a uma abstração, de modo que consideram as necessidades típicas, as funções típicas e as categorias de indivíduos, de modo que veremos moradias para trabalhadores, moradias para executivos e moradias para executivos seniores e grandes lojistas que serão diferenciados por uma determinada área de superfície e por certos sinais externos de riqueza, de modo que a estrutura das moradias será simplesmente a projeção da estrutura de rendas e classes; alguns propõem, então, dar a mesma moradia a todos, geralmente reformando as formas de financiamento. Nesse caso, tudo o que estaríamos fazendo é reforçar o processo de reificação, porque esse processo reduz a realidade humana a uma abstração que a torna manipulável porque pode ser quantificada, e a ideologia da justiça social apenas reforça esse processo.

Portanto, "se no mesmo movimento ela (a autogestão) não for imediata e indissoluvelmente a abolição do trabalho assalariado e do trabalho, das classes sociais e do Estado, a autogestão, então, para si mesma do mundo assim herdado, ao realmente fazer de todos os homens os programadores de sua própria morte, poderia, nem é preciso dizer, apenas completar e aprimorar o processo de reificação em andamento" (Considerações Inoportunas).

Esse processo revolucionário deve ser o paralelo negativo do processo de reificação e, portanto, deve negar qualquer ersatz do valor de troca e do trabalho assalariado; em

particular, uma nova definição de valor baseada na equivalência qualitativa do tempo de trabalho só reforçaria o processo de reificação.

De fato, por meio dessa substituição, alcançaríamos um igualitarismo que permitiria a realização fantástica não da lógica do mercado, mas da lógica do mercado e da lógica técnica, que atualmente estão frequentemente em contradição. A riqueza espetacular e falsa de bens que se contradizem seria substituída pela uniformidade; os bens poderiam ser definidos de uma vez por todas pela simplificação do mercado, cuja complexidade se deve não apenas às leis de oferta e demanda, mas também à sua estrutura hierárquica, que divide o mercado de cada bem em submercados (o do R 16, do R 8, do Simca 1000...) que são alternadamente complementares e antagônicos ao mesmo tempo. (Dessa forma, os tipos de carros seriam tecnicamente definidos por uma relação tempo-distância-segurança).

Então, que definição de valor usaremos para definir trabalho? O tempo de trabalho, baseado na equivalência qualitativa do trabalho, não seria o padrão universal? Tem de haver um padrão, tem de haver contabilidade se quisermos aplicar critérios técnicos, se quisermos começar de novo, e assim por diante. É aí que reside o problema e a maneira como ele pode ser superado.

No momento, estou dividido entre duas soluções:

- Negar qualquer definição universal de valor e reduzir a contabilidade à contabilidade de materiais;
- Estabelecer vários setores de atividade em que o trabalho, sua contabilidade e as relações de troca sejam diferentes (como em muitas sociedades primitivas).

Qualquer tentativa de autogestão pode ser apenas um estágio, uma tomada de poder por meio da qual as massas tomam seu destino em suas próprias mãos. Mas se essas massas se considerarem como categorias, toda a individualidade será negada. A autogestão só pode ser transformada em autogestão generalizada, em primeiro lugar da vida cotidiana, essa é a coisa essencial, desde que sejamos livres para construir nossa própria vida, desde que possamos construí-la como quisermos, a autogestão generalizada só se torna a busca, a provisão, a elaboração dos meios necessários para construir nossa própria vida, a autogestão generalizada deve, portanto, ser a provisão geral dos meios sem

qualquer apropriação desses meios pelos homens, porque então cairíamos em um novo despotismo, todos os meios para poucos.

Por medo de despotismo ou anarquia, não se pode colocar nas mãos de qualquer poder, mesmo democrático ou impessoal, a tarefa de determinar a forma da vida cotidiana, seu propósito...

Se os homens têm interesse em se agrupar, em se organizar em Conselhos e, se necessário, em uma Federação de Conselhos, é simplesmente para organizar os meios de realizar as aspirações de cada indivíduo e não o propósito de um grupo, um ideal de grupo, uma ideologia, e a substituição é fácil, não apenas pela regra da maioria ou da unanimidade, mas pela própria aceitação de ser um membro do grupo, da massa, há uma autoalienação ligada a uma submissão milenar.

As condições para esse autogerenciamento generalizado são, portanto, principalmente :

- Nenhuma limitação à liberdade individual e nenhuma apropriação privativa, sob qualquer forma, da vida humana;
- O princípio de assumir a responsabilidade por suas próprias ações, de modo que, se você quiser algo, terá de fazer isso sozinho.

Ele nega a existência de uma força separada que determina as formas de felicidade, que distribui a riqueza de acordo com as leis abstratas da justiça social.

O processo de produção pode ser regulado de duas maneiras diferentes: pela utilidade ou desutilidade do trabalho e pelo prazer ou desprazer do trabalho.

Na sociedade atual, a apropriação privada ou pública dos meios de produção associa, para o indivíduo, a utilidade do trabalho à necessidade de sobrevivência e à melhoria miserável dessa sobrevivência; portanto, associa o trabalho ao desprazer na perspectiva de um prazer muitas vezes ilusório, senão sempre, mas que, no final, cabe aos indivíduos julgar. Sua ideologia da felicidade serve para legitimar essa aberração, enquanto a moralidade do trabalho alegre tende a promover a inversão do desprazer em prazer, um processo realizado por muitos indivíduos particularmente reprimidos que sentem prazer em trabalhar e incomodar os outros, com outros argumentos que não a produção.

Com base nas condições de trabalho que definimos acima, é o próprio indivíduo que deve determinar a utilidade de seu trabalho e, portanto, sua contribuição para a produção. É com base nisso, e com base no desenvolvimento de desvios produtivos (máquinas) capazes de reduzir a desutilidade do trabalho de acordo com a desutilidade realmente experimentada e não com as condições técnicas, que o prazer e o trabalho podem realmente coincidir e reduzir as restrições ao mínimo.

Não haveria mais separação entre o tempo de trabalho e o tempo criativo, o tempo de lazer e o tempo de restrição, e a própria noção de tempo livre desapareceria, porque só haveria tempo construído pelo indivíduo, em primeiro lugar, para si mesmo, de modo que a noção de esforço e desperdício de energia seria relegada ao museu das ideologias...

Um dos principais obstáculos à Revolução, quando ela for lançada, será a tendência dos homens de restabelecer a disciplina e impô-la aos outros. No processo imaginado acima, a presença de muitos indivíduos que sentem fortemente a desutilidade e o desprazer do trabalho incentivará alguns indivíduos particularmente reprimidos a querer restabelecer a disciplina e a Contra-Revolução.

Na medida em que o processo revolucionário se desenvolverá a partir dos Conselhos, sua primeira tarefa será aprender sobre o processo de produção e racionalizá-lo, eliminando todo o trabalho falso; uma vez que a operação de racionalização tenha sido realizada e seja bem compreendida por todos, a tarefa do Conselho provavelmente estará concluída.

Os indivíduos certamente não terão nenhum desejo de trabalhar nas empresas às quais estiveram vinculados até agora, e uma proporção muito pequena permanecerá ligada à sua empresa. A tarefa da Revolução é libertar as pessoas do trabalho, e não prendê-las ainda mais a ele por meio de uma nova forma de dependência.

Em seu próprio esforço para se superarem, os Conselhos encontrarão na tecnologia e, em particular, na cibernética, os meios de se superarem que lhes permitirão fazer a transição da autogestão das empresas para a autogestão generalizada. Surgirá, então, um perigo, o da sociedade totalitária dos meios, e será uma questão para os Conselhos não de realizar melhor a técnica, mas de definir os fins da produção. Nessa perspectiva,

caberá apenas aos indivíduos, em última instância e de uma vez por todas, escolher os fins para si mesmos e não para abstrações, maiorias ou minorias.

Nesse momento, a arte se tornará possível, não como uma atividade fragmentada (pinturas, esculturas etc.), mas como uma arte de viver multidimensional.

Podemos imaginar, mas somos um pouco baixos, Fourier às vezes imaginava...